

CONSTRUÇÕES COM O PRONOME SE E A IMPERSONALIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO

Eneile Santos Saraiva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Percebemos que, na ministração da disciplina de língua portuguesa, há um enfoque no estudo da indeterminação, atrelado ao ensino da função sintática de sujeito, com a contemplação somente de duas estratégias (verbo na terceira pessoa do plural e uso do pronome SE articulado a um verbo intransitivo ou transitivo indireto). Entretanto, resultados preliminares desta pesquisa apontam que as predicções transitivas diretas com pronome SE, objetos de estudo principais deste artigo, podem opacificar não somente a terceira pessoa discursiva (de quem se fala), mas também a primeira pessoa discursiva (quem fala) e, ainda, podemos pensar em um *continuum* de impersonalização (que prevê a articulação entre as pessoas discursivas). Dessa forma, com base nas teorias socioconstrucionista, construcionista e cognitivista, pretendemos apresentar uma proposta de ensino para a impersonalização discursiva, a partir da análise de usos reais, que contemple a diversidade de estratégias que estão disponíveis na língua, considerando pesquisas linguísticas que versam sobre a referida temática.

INTRODUÇÃO

Vamos propor, neste artigo, uma perspectiva de ensino de impersonalização discursiva, com base em análise de *corpus* composto, principalmente, por textos acadêmicos e jornalísticos, guiada pelas teorias socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA, 2016, 2017; WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018), construcionista e cognitivista (BYBEE, 2013, 2010; CAPPELLE, 2006; FILLMORE, 1982; GOLDBERG, 1995, 2006; LANGACKER, 1987, 1991, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

No português brasileiro (PB), há diferentes construções que podem ser utilizadas para promover a opacificação ou desfocalização do responsável pela predicação e, dessa forma, retirar de cena, seja a primeira pessoa discursiva ou a terceira pessoa. Abaixo, seguem exemplos do uso de três aloconstruções transitivas diretas com pronome -SE que serão analisadas, com prioridade, neste estudo e são acionadas com esses objetivos:

- (1) Nesta dissertação, **defende-se** a hipótese de que a justaposição é um procedimento sintático tal como são a coordenação e a subordinação. [Dissertação, Letras, UFRJ, 2017]
- (2) Dessa maneira, **tem-se** que certas atribuições acabam por recair aos órgãos competentes para a representação internacional da Argentina. [Dissertação, Direito, 2017]
- (3) **Tentou-se**, de início, **acobertar** a barbárie. A primeira versão divulgada alegava uma fantasiosa reação defensiva ao que teria sido uma investida de bandidos armados. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]

Em (1), recuperamos, como o responsável pela predicação de “defende-se”, o próprio autor do texto, a primeira pessoa discursiva (**Eu** defendo a hipótese...); em (2), também conseguimos inferir a participação do autor do texto com o uso de “tem-se”, ainda que de forma mais distanciada (**Eu** tenho comigo que certas atribuições...) e, em (3), “tentou-se acobertar” revela a referência à terceira pessoa discursiva (**Alguém/ Alguma instituição** tentou acobertar a barbárie...).

Assim, lidamos com a variação de usos das seguintes construções: (i) Predicador_{TD} + SE, (participante 2 [SN/SO]), [participante 1 suspenso]; (ii) Predicador_{TER} + SE, (participante 2 [SN/SO]), [participante 1 suspenso ou inexistente]; e (iii) Verbo_{(SEMI)AUXILIAR} + SE + Verbo Principal_{TD} (VP_{TD}) + (participante 2 [SN/SO]) + [participante 1 suspenso]. Avaliaremos seus acionamentos a partir de um *continuum* de impersonalização que envolve a participação das três pessoas

discursivas (1^a, 2^a, 3^a) ou de nenhuma delas (esvaziamento da referência) e, ainda, no caso específico da construção em (ii), pode ser acionada para promover a existencialidade.

Buscamos, dessa forma, articular questões pragmáticas, semânticas e sintáticas ao estudo dessas construções, já que: (a) em sala de aula, as chamadas passivas sintéticas, como em (1), são tratadas com ênfase somente em abordagens sintáticas (Cf. SARAIVA, 2018); (b) a construção PredicadorTER + SE, como em (2) não é contemplada nos estudos, pois, por *ter* se tratar de um verbo estativo, não acionaria a passividade; e (c) há pouco ou nenhum espaço para reflexões sobre as construções com verbo (semi)auxiliar, como em (3).

Também pretendemos trazer ao debate a questão da impersonalização discursiva e, mais especificamente, da indeterminação. Notamos que o ensino regular pouco fala sobre a possibilidade de a primeira pessoa discursiva ser desfocalizada. Esse assunto costuma, porém, ser abordado de forma resumida em manuais/aulas de redação que sugerem a busca por um discurso mais impessoal. Sobre a indeterminação, percebemos um enfoque muito grande na articulação do fenômeno ao preenchimento (ou não) do sintagma que exerce a função sintática de sujeito.

Dessa forma, este artigo será organizado em seções da seguinte maneira: na próxima, discutiremos os conceitos de impersonalização e indeterminação; na terceira, vamos propor a perspectiva da variação de usos das construções transitivas diretas com o pronome -SE; na quarta, apresentaremos uma proposta de ensino para esses temas e, por fim, na última, serão traçadas as considerações finais.

IMPERSONALIZAÇÃO E INDETERMINAÇÃO DISCURSIVAS

A indeterminação costuma ser abordada em materiais tradicionais e didáticos atrelada ao estudo da função sintática de sujeito, na definição de sujeito indeterminado. No livro didático de Abarre *et al.* (2016a, p. 203), afirma-se que o sujeito indeterminado “ocorre quando não é possível identificar um referente explícito na oração ou no contexto do enunciado” e descrevem-se duas estruturas sintáticas do sujeito indeterminado:

verbo transitivo direto flexionado na 3^a pessoa do plural (Incendiarão vários ônibus) e verbo transitivo indireto, verbo intransitivo ou verbo de ligação flexionado na 3^a pessoa do singular + pronome se (índice de indeterminação do sujeito (Precisa-se de vendedores / Come-se bem na Itália / Aqui se está feliz) (ABAURRE *et al.*, 2016a, p. 283).

Notamos que as construções transitivas diretas com pronome -SE, descritas na introdução, não foram citadas devido à característica de promoverem a demorção do participante suspenso, pois são abordadas como construções passivas sintéticas⁵ e, dessa forma, o SN/SO na posição de participante 2 exerceria a função de sujeito.

Além disso, pesquisas recentes (Cf. RUMEAU, 2011; DUARTE, 2007, 2008; DUARTE; LOPES, 2002) apontam para outras estratégias que podem promover a indeterminação. A seguir, destacaremos algumas:

- (i) uso do verbo na terceira pessoa do singular: (**Diz [=dizem]** que era uma vez quatro ladrões muito sabidos e finos – Câmara Cascudo, Contos Tradicionais do Brasil);⁶
- (ii) passivas analíticas: O prefeito de São Paulo, Bruno Covas (PSDB), **foi** duramente **criticado** nas redes sociais após ter viajado para o Rio de Janeiro e ido ao Maracanã, no sábado, para assistir à final da Taça Libertadores [Notícia, Jornal O Globo, 01/02/2021]
- (iii) algumas formas pronominais com valor indeterminado: né aí acaba que **você tem** crianças que são / são as donas da casa “eu quero” “eu faço”... [Entrevista sociolinguística, *Corpus* concordância]⁷
- (iv) uso de expressões nominais, tais como “geral”, “galera”: **A galera** que estava aglomerando feliz pela vacina [Tweet, 07/01/2021]

Em (i), o verbo “dizer”, empregado na terceira pessoa do singular, também remete à noção de indeterminação; em (ii), a construção passiva analítica “foi criticado”, sem o preenchimento do termo agente da passiva, propõe a opacificação do participante 1, ainda que seja possível fazer inferências (quem realizou a crítica: adversários políticos, eleitores?); em (iii), o pronome “você” não faz referência à segunda pessoa discursiva, mas sugere o contexto que se refere a qualquer pessoa que tenha crianças nas circunstâncias consideradas e, em (iv), “a galera” faz referência indeterminada à parcela da população, sem especificar claramente

⁵ Há vários estudos linguísticos que questionam tal nomenclatura e apontam para a indeterminação que pode ser promovida nesses contextos em que a tradição classifica de voz passiva sintética (Cf. BAGNO, 2001; SCHERRE, 2005 entre outros).

⁶ Exemplo, extraído de Bechara (1988, p. 30), em que o gramático veicula a ideia de indeterminação também ligada a verbos na terceira pessoa do singular.

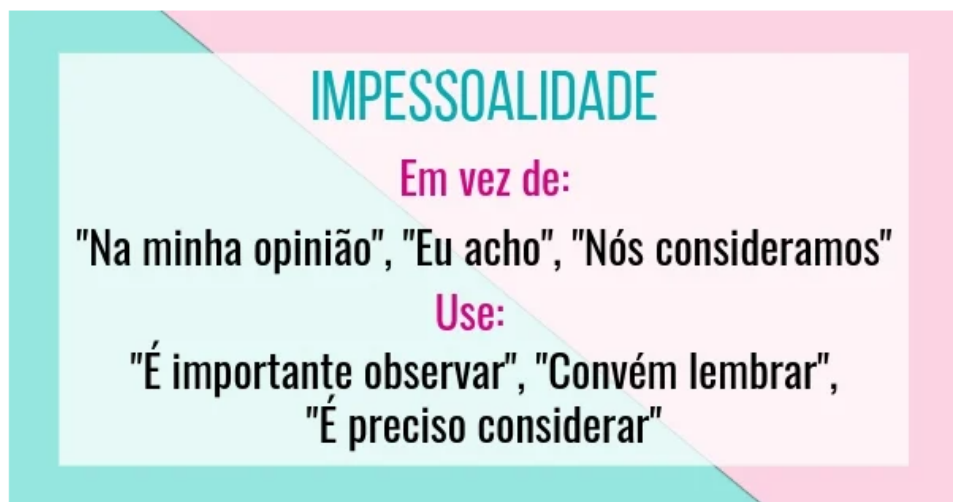
⁷ VIEIRA, Silvia Rodrigues; MOTA, Maria Antonia Coelho da (org.). *Corpus* Concordância. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO; S. F. (orgs.). *CORPORAPORT: Variedades do Português em análise*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UF RJ. Disponível em: www.corporaport.letras.ufrj.br. Consultado em 08 de novembro de 2020.

que não estava cumprindo com medidas de isolamento social importantes durante o período de pandemia de Covid-19.

Já em relação à opacificação do participante 1, geralmente, observamos, quando existentes, considerações gerais sobre o assunto nos materiais didáticos. Abaurre *et al.* (2016b) apontam, na seção do livro didático que se refere à produção de texto, que a dissertação deve possuir o caráter generalizante e se dirigir a um interlocutor genérico:

ao escrever o seu texto para um interlocutor universal, o autor busca garantir que o texto não seja caracterizado por uma perspectiva muito subjetiva, para não comprometer seu objetivo de fazer com que os leitores encarem a análise exposta como uma reflexão marcada pelo bom senso e pela razão (ABAURRE *et al.*, 2016b, p. 327).

Apesar de tecerem a seguinte observação: “deve-se evitar o uso das formas de 1ª pessoa no texto dissertativo” (ABAURRE *et al.*, 2016b, p. 329), as autoras não indicam quais construções podem ser acionadas pelo aluno nessa busca por objetividade nos textos. No site cursoenemgratuito.com.br, há, entretanto, menção a formas que podem ser utilizadas com a finalidade de promover a demissão da primeira pessoa discursiva:



O uso da impessoalidade na Redação

Não é difícil de deixar o seu texto impessoal. Para isso, existem algumas regras que poderão lhe ajudar na hora da escrita:

- 1- Substitua expressões como "eu acho", "na minha opinião", "do meu ponto de vista" etc., por outras mais gerais, como "é bom lembrar", "é preciso considerar", "é importante", "convém observar", entre muitas outras;
- 2- Evite ao máximo o uso da primeira pessoa do singular. Assim, em vez de escrever "Considero que as contribuições sociais foram importantes para...", você deve optar por "As considerações sociais foram importantes para...". Ou seja, o autor deve ser mais direto, não há a necessidade de usar a primeira pessoa, pois já se sabe que se trata de um texto essencialmente opinativo;
- 3- Indetermine o sujeito, usando o verbo intransitivo ou transitivo indireto ou de ligação + pronome "se". Adotando esse recurso linguístico, você não permitirá que o leitor identifique com precisão o agente da ação. Trata-se de uma técnica muito útil, sobretudo quando surge, no momento da escrita do seu texto, alguma informação da qual você desconhece a exata procedência. Exemplos:

1. *"Aprende-se na universidade a relevância da ciência e da pesquisa no Brasil".*
2. *"Buscava-se a erradicação da pobreza e da fome através de programas sociais e de políticas públicas a longo prazo".*
3. *"Debate-se muito sobre a questão das novas mídias e tecnologias em sala de aula".*

Fonte: <https://cursoenemgratuito.com.br/impessoalidade-na-redacao/>.

Percebemos, entre as orientações da imagem, no tópico 3, a descrição da utilização das construções com verbo intransitivo, transitivo indireto ou de ligação mais pronome -SE, para o acionamento da indeterminação, mas, no exemplo 2, notamos o uso do -SE com o verbo em uso transitivo direto "buscar": "Buscava-se a erradicação da pobreza...".

Observamos, dessa forma, que a impessoalidade costuma ser abordada de forma a não especificar as pessoas discursivas que podem estar opacificadas. Cabe, então, propor uma compreensão acerca desse movimento que pode retirar de cena o participante desfocalizado que é responsável por controlar (força iniciadora ou experienciadora) a predicação verbal. Sobre essa questão, Machado Vieira (2020 p. 19) destaca que:

A impersonalização (ou impessoalização) discursiva (MACHADO VIEIRA, 2017) é um fenômeno que promove a desfocalização, suspensão ou supressão de um referente/participante do discurso envolvido no estado de coisas como estratégia de preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987) ou, em outras palavras, como maneira de impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do (inter)locutor e/ou do participante com papel de força que induz ou experimenta o estado de coisas mediante a distância imposta ao conteúdo proposicional em relação àquele(s) e/ou a este.

Percebemos, assim, que a impersonalização é um processo que deve estar atrelado a um participante da interlocução, ou seja, às pessoas discursivas, principalmente à primeira e à terceira e, dessa forma, consideramos que a indeterminação é também um processo de impersonalização, entretanto, com a característica de opacificar um participante diferente do eu-enunciador. Assim, quando propomos, a seguir, um *continuum* de impersonalização, entendemos a indeterminação como uma subcategorização da impersonalização, especificamente utilizada para nomear o processo de demissão da terceira pessoa discursiva.

Na busca por elucidar as pessoas discursivas que podem ser desfocalizadas pelas construções transitivas diretas com pronome -SE, levamos em consideração o contexto em que elas estão inseridas. Dessa forma, conseguimos recuperar ora o próprio autor do texto em um posicionamento crítico ou fazendo menção a uma ação ou processo realizado, ora articulando uma interação com o interlocutor ou em uma perspectiva que sugere a opinião ou saber comum a um determinado grupo.

Já em relação à recuperação da terceira pessoa discursiva, notamos, principalmente nos textos jornalísticos, que a predicação ora se refere a uma personalidade política, ora a agentes ou instituições públicas e, como veremos na próxima seção, há contextos de total esvaziamento da referenciação, em que não conseguimos mapear um participante suspenso com clareza ou, no caso de “tem-se”, contextos de existencialidade, em que percebemos a predicação sem participante.

Após essas observações, consideramos de suma importância em sala de aula articular o ensino da impersonalização e, mais especificamente da indeterminação às pessoas discursivas. Além disso, é importante analisar pragmaticamente o uso das construções, ou seja, quais as possíveis intenções do interlocutor podem ser associadas ao processo de opacificação do participante responsável pela predicação.

VARIAÇÃO DE USOS DE CONSTRUÇÕES COM PRONOME -SE

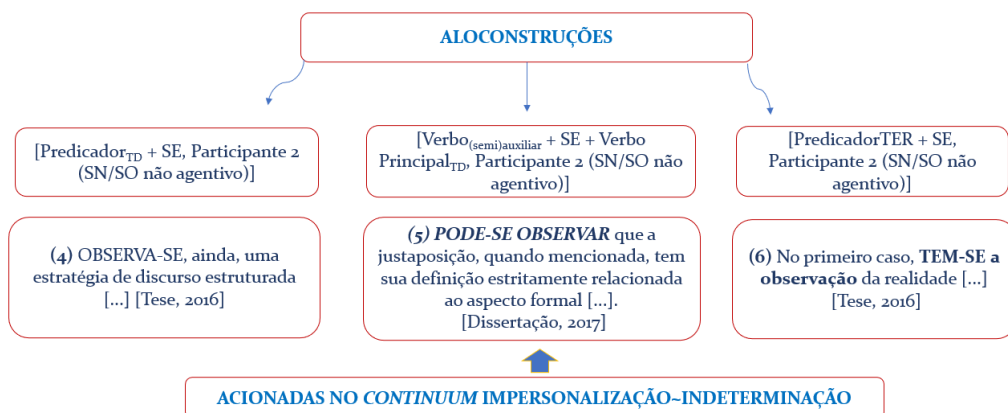
Para avaliar os usos das três construções, levantamos 1029 dados em 36 textos acadêmicos (teses e dissertações da área de letras, direito e engenharias) e 600 textos jornalísticos (editoriais e artigos de opinião dos Jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo*). Eles passaram por uma análise (quali-)quantitativa com o auxílio do Programa GoldVarbX. Consideramos a perspectiva da variação sendo estudada no âmbito da Gramática de construções, em um enfoque socioconstrucionista, já que articulamos os preceitos construcionistas aos reconhecidos métodos de análise variacionista da sociolinguística laboviana (Cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

De acordo com Machado Vieira e Wiedemer (2019, p. 88):

cabe às generalizações descritivas contemplar o que se passa na Gramática de Construções de uma língua em termos dos fenômenos de estabilidade, variação e mudança. Assumido esse ponto de vista, a questão a ser enfrentada passa a ser a de desenvolver teórico-metodologicamente essa descrição, além da de lidar com o desafio de encarar a questão da variação por similaridade/(quase) sinonímia no modelo da Gramática de Construções centrada na experiência de uso.

Dessa forma, consideramos que as três aloconstruções (Cf. CAPPELLE, 2006) em estudo estariam em variação funcional e também por similaridade, já que a análise de dados nos fornece subsídios que nos levam a acreditar que as três funcionariam em contextos de (quase) sinonímia, como buscamos elucidar no esquema a seguir:

Esquema 1 – Representação das três aloconstruções.



Fonte: Elaboração própria.

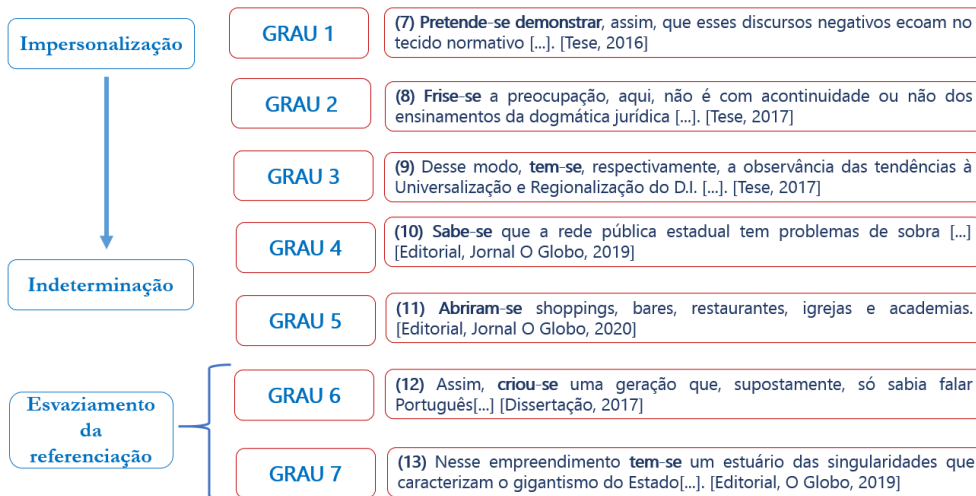
O esquema tenciona apresentar que, considerando que o usuário da língua pode dizer algo de uma, duas ou mais formas, as 3 construções em análise poderiam ser cambiadas em determinados contextos: (4) Observa-se (Pode-se observar/Tem-se observado) ainda uma estratégia de discurso estrutura [...]; (5) Pode-se observar (Observa-se/Tem-se observado) que a justaposição quando mencionada [...]; (6) No primeiro caso, tem-se a observação (observa-se a realidade/pode-se observar a realidade) da realidade [...].

Acreditamos que, quando o usuário da língua opta por acessar as construções transitivas diretas com o pronome -SE, há, nos termos de Langacker (1987, 1991) um *ajuste focal*, que se refere à capacidade humana de conceptualizar uma cena de diferentes formas e essas três aloconstruções permitem que o enfoque seja dado ao participante 2, à predicação, e não em quem pode exercer a ação ou controle.

Dito isso, como este recorte da pesquisa apresentado aqui lida especificamente com a impersonalização, vamos apresentar um *continuum* em que 7 graus foram propostos, a fim de mapear a articulação entre as pessoas discursivas que podem ser atreladas à inferência do preenchimento do *slot* do participante 1 suspenso.

Pensamos nessa graduação porque percebemos diferentes situações: notávamos, pelo contexto, que o participante suspenso era = ao eu-enunciador (grau 1); percebíamos uma articulação entre emissor e o receptor (grau 2); verificávamos uma expressão mais distanciada da voz da primeira pessoa (grau 3) ou uma voz plural (1ª pessoa do plural – nós), representante de um posicionamento/opinião compartilhada por um determinado grupo (grau 4); inferíamos a participação da terceira pessoa discursiva – ele(s) (grau 5), ora representada por uma instituição, ora por uma pessoa inferida que não se quer identificar ou não se sabe identificar e, por fim, também mapeamos contextos nos quais é difícil recuperar um participante responsável pela predicação (grau 6) ou a predicação se dá sem participante (grau 7). A seguir, esquema com a representação do *continuum*:

Esquema 2 – Continuum de impersonalização.



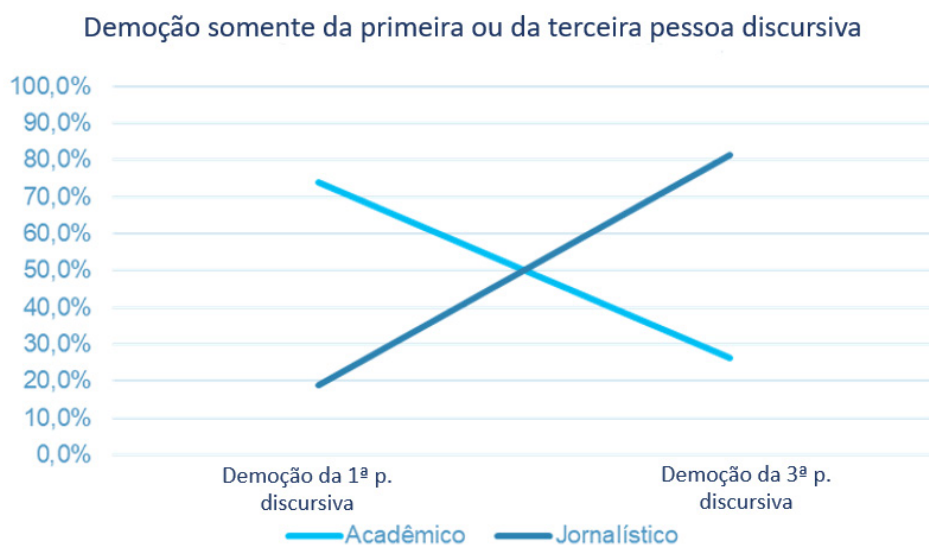
Fonte: Elaboração própria.

Em (7), percebemos que o participante 1 suspenso refere-se ao autor da tese (Eu pretendo demonstrar...); em (8), há a articulação com a segunda pessoa discursiva (o pesquisador “convida” o interlocutor a frisar sobre a preocupação do seu trabalho); em (9), também recuperamos a primeira pessoa discursiva (refere-se à observação feita pelo pesquisador); em (10), com “sabe-se”, notamos um conhecimento compartilhado pelo editorialista e os leitores do jornal (no caso, cidadãos do estado do Rio de Janeiro); em (11) “abriram-se” refere-se a políticos que decretaram a abertura de estabelecimentos no final de 2020, fechados por conta do avanço da pandemia de Covid-19; já em (12), já não recuperamos mais um participante propriamente dito, pois, com “criou-se”, interpretamos que, sem o controle de alguém, a população que só sabia falar português foi se estabelecendo; e, por fim, em (13), observamos o uso de *tem-se* em um contexto de existencialidade, sem a projeção de participante 1 (*tem-se/há* um estuário...)

Dessa forma, a partir dos exemplos já descritos, conseguimos observar a gradação do *continuum*: até o grau 4, inferimos a presença da primeira pessoa discursiva no papel de participante 1, mais proeminente no grau 1 e mais distanciada no grau 4; a partir do grau 5, já não recuperamos mais a 1ª pessoa discursiva e identificamos a indeterminação (proposital ou não) da 3ª pessoa discursiva e, nos graus 6 e 7, não notamos mais envolvimento das pessoas discursivas, por isso, entendemos que ocorre o esvaziamento da referência.

Na análise do *corpus*, começamos a observar a influência dos gêneros textuais para a ativação da impersonalização, mais acionada pelas construções nos textos científicos, e da indeterminação, mais acionada nos textos jornalísticos. Lidamos, então somente com dados do grau 1 (impersonalização prototípica) e grau 5 (indeterminação prototípica), articulamos com os textos em análise e tivemos o seguinte resultado:

Gráfico 1 – Impersonalização X Indeterminação e os gêneros textuais.



Fonte: Elaboração própria.

Para a elaboração do Gráfico 1, contamos com 676 dados (527 ocorrências de Predicador_{TD} + SE e 149 ocorrências de Verbo_{TD(SEMI)AUXILIAR} + SE + VP)⁸ e notamos, ao acompanharmos o momento da linha em azul escuro, que a opacificação da terceira pessoa discursiva é mais acionada nos editoriais e artigos de opinião (textos jornalísticos), por conta de, normalmente, apontarem ações da terceira pessoa discursiva, principalmente, de personalidades políticas. E, ao analisarmos a linha em azul claro, percebemos que a opacificação da primeira pessoa discursiva é mais acionada em teses e dissertações, pois o pesquisador recorre as construções para expressar posicionamento, descrever etapas de desenvolvimento da pesquisa entre outras funcionalidades pragmáticas associadas à 1ª pessoa discursiva.

A partir desses resultados, vamos discutir, na próxima seção, como é possível repensar o ensino da impersonalização em sala de aula, sempre considerando que

⁸ A construção Predicador TER + SE tem a distribuição concentrada entre os graus 3 e 7.

um ponto fundamental é apresentar aos alunos usos reais recolhidos em diversos gêneros textuais para que eles percebam os diferentes níveis de desfocalização.

DISCUSSÃO

Acreditamos que as principais questões que precisam ser repensadas no ensino da indeterminação e da impersonalização como um todo são: (i) desatrelar a temática da indeterminação da função sintática de sujeito, seguindo uma proposta como a sugerida em Duarte (2006), que aborda uma classificação para tal termo sintático baseada em seu (não)preenchimento e sua referência (in)determinada; e (ii) propor a análise da opacificação das três pessoas discursivas, e não somente da terceira, que podem estar envolvidas na predicação.

Além disso, destacamos que é preciso apresentar aos alunos uma gama de estratégias disponíveis na língua que podem ser acionadas com a funcionalidade de opacificar/desfocalizar/demolir o participante responsável pelo controle de um processo, ação ou evento. Dessa forma, é fundamental articular a proposta de ensino a contextos reais de uso, com exemplos selecionados em textos jornalísticos, acadêmicos, em redações do Enem e demais processos seletivos universitários e em textos de diferentes redes sociais.

A seguir, propomos uma atividade que pode ser aplicada em sala de aula, preferencialmente a alunos do ensino médio, com enfoque nas construções passivas sintéticas e analíticas, mas que também busca dar conta de outras estratégias de impersonalização:

Atividade

Analise os usos linguísticos nos fragmentos a seguir e indique (i) potenciais referencialidades das construções em destaque indicando qual o responsável pela ação/processo/evento:

- (a) No segundo, **apresenta-se** as origens dos principais atributos do conceito de fraternidade a universalidade conferida pela doutrina cristã[...]. [Dissertação, 2017].
- (b) Os voos para do Brasil para Portugal **foram suspensos**. Biden manteve as restrições à entrada de brasileiros. [Artigo de opinião, Jornal O Globo, 01/02/2021].
- (c) Portanto, **pode-se inferir** que a democratização do acesso ao cinema no Brasil é um tema relevante e que carece de soluções. [Redação nota 1000, Enem, 2019].

- (d) **Abriam-se** shoppings, bares, restaurantes, igrejas e academias. [Artigo de opinião, Jornal O Globo, 01/02/2021].
- (e) E **a galera** achava que essa briguinha Rio x Sp nunca nos levaria a nada... a rinha pra ver quem vacina a população primeiro tá coisa linda de se ver, continuem. [Tweet, 14/06/2021].
- (f) **É importante ressaltar**, em primeiro plano, de que forma o controle de dados na internet permite a manipulação do comportamento dos usuários. [Redação nota 1000, Enem, 2018].
- (g) Mais uma vez, não **encontramos** similitude no número excessivo de reformas constitucionais ocorridas nos últimos 20 anos [...] [Artigo científico, 2011].
- (h) **Nós** estamos alertando o cidadão do que pode acontecer com o Brasil no dia 28 de outubro. [Entrevista com presidentiáveis, Programa Roda Viva, 2018].
- (i) **Atribui-se** a Guimarães Rosa a frase de que “o Brasil e a América Latina são como dois irmãos xifópagos, que unidos pelas costas não conseguem ver seus rostos”. [Artigo de opinião, Jornal O Globo, 15/01/2019].
- (j) e qnd **falaram** q ia sair aquela música com a Lauren em agosto? kkk **avisaram** o mês mas **esqueceram** de avisar o ano. [Tweet, 23/06/2021].

Gabarito

Podemos perceber, nos 10 fragmentos selecionados, a opacificação do participante [suspensão] responsável pela predicação. Diferentemente do que percebemos nas atividades que lidam com a classificação do “sujeito indeterminado”, propomos uma atividade que busca orientar o aluno a refletir sobre o acionamento das estratégias de impersonalização e também fazer inferências sobre quem é opacificado.

Destacamos os exemplos (a), (c), (f), (g) e (h) associados à demissão da primeira pessoa discursiva: em (a), notamos que o autor da dissertação descreve o que será feito no capítulo 2 do seu trabalho (No segundo, eu apresento as origens...); em (c), observamos que é o autor da redação que faz a inferência sobre a relevância do tema acesso ao cinema; em (f), com a expressão subjetiva deôntica “é importante ressaltar”, também percebemos um posicionamento/opinião do candidato do Enem, mas de uma forma que lhe permite evitar o uso da 1ª pessoa discursiva (Eu resalto que é importante...); em (g), verificamos o acionamento da 1ª pessoa do plural, sem o preenchimento do pronome “nós” como uma estratégia de opacificar o autor do texto científico e destacamos que essa é uma estratégia muito produtiva no domínio acadêmico do PB; e, por fim, em (h), entendemos que o uso expresso do pronome “nós”, pode ser classificado, dentro do *continuum*

proposto neste trabalho, no grau 4, pois o falante se coloca entre aqueles participantes de um grupo específico (que compartilham determinada posição política) que “alertaram o eleitor”.

Já nos exemplos (b), (d) e (e), (i) e (j), descreveremos estratégias de opacificação da terceira pessoa discursiva: em (b), com o acionamento da passiva sintética sem o preenchimento do agente da passiva, notamos que é possível recuperar como participante suspenso “representantes do governo português”; em (d), diante do contexto de abertura do comércio em período da pandemia de Covid-19, notamos que “abriram-se” atua promovendo a opacificação do responsável pela ação, ou seja, representantes políticos que autorizaram o funcionamento de shoppings, bares durante a flexibilização das medidas de distanciamento social; em (e), o sintagma nominal “a galera” faz uma referência indeterminada a alguns moradores das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo que criam rivalidades, mas não sabemos precisar quem são; e, em (i) e (j), observamos estratégias de indeterminação que são usualmente previstas nos manuais tradicionais e livros didáticos, ou seja, o pronome -SE articulado a um verbo transitivo indireto (“atribui-se”) em que o articulista não quis/não sabe especificar com clareza o participante envolvido e o verbo na terceira pessoa do plural (“falaram”, “avisaram”, “esqueceram”) em que o autor do *tweet* também não especifica quem são os responsáveis pela predicação (equipe da cantora ou repórteres, por exemplo).

Debate

Diante dos exemplos listados de (a) a (j), verificamos que as estratégias de impersonalização, a partir do contexto, podem nos levar à inferência (ou não) do participante 1 suspenso. Goldberg (2006) aponta para a contextualidade como um fator que pode inferir no uso de construções e de suas significações. Destacamos que, no caso da desfocalização do participante 1, percebemos vários contextos em que o autor busca se distanciar do seu texto a partir das construções com pronome -SE, com o intuito de enfatizar o processo ou a ação e não a ressaltar a sua presença no texto com os pronomes de primeira pessoa.

Já nos casos de desfocalização da terceira pessoa discursiva, nem sempre ela ocorre porque o usuário da língua não sabe quem é o participante, apesar dessa perspectiva ser bastante difundida em sala de aula, mas por, talvez, esse ser recuperado no texto ou por meio de inferências a partir de conhecimento de mundo compartilhado entre emissor e receptor. Ainda, destacamos os casos em que o autor não especifica claramente o agente por conta de assegurar certa imparcialidade ao seu texto, por exemplo, não apontando personalidades políticas

específicas, mas que podem facilmente ser recuperadas pelo leitor contextualizado ao assunto abordado no texto.

Por fim, consideramos que o professor ainda pode apresentar materiais que contenham as estratégias de indeterminação canônicas ou não, que podem ser utilizadas nos textos com recuperação explícita da referencialidade, como no exemplo a seguir:

- (14) **Mudou-se** em 2010 para Belize, onde se isolou numa mansão tropical, colecionou armas pesadas, se fez circundar por mulheres jovens, e as drogas voltaram com tudo. [Artigo de opinião, Jornal O Globo, 25/06/2021].

Quando lemos o artigo completo, “McAfee, o gênio perturbado”, recupera-se, ainda que se trate de uma construção com pronome -SE e verbo intransitivo (mudar), que o referente (quem realizou a mudança) foi o inventor de softwares e antivírus John MacAfee, tema do texto por conta do triste fato de ter cometido suicídio no dia 23 de junho de 2021.

Destacamos que a referenciação “é uma atividade cognitivo-discursiva e interacional, realizada por sujeitos sociais” (KOCH, 2001) em que o escritor pode realizar uma referência a um elemento que se encontra no seu próprio texto ou que faça parte de um conhecimento de mundo compartilhado pelo autor e potenciais leitores. Dessa forma, a perspectiva da referenciação precisa estar atrelada ao estudo da impersonalização.

Assim, salientamos a importância de provocar a reflexão sobre as escolhas linguísticas realizadas pelo emissor na busca pela opacificação do responsável pela predicação e possível acionamento da impersonalização. É preciso, assim, estar atento ao uso das construções, como as exemplificadas na atividade, quando elas possuem o objetivo de evitar repetições de um referente recuperável, por uma escolha do produtor do texto de não evidenciar as marcas de primeira pessoa no texto (na busca por maior subjetividade) ou deixar implícito a terceira pessoa discursiva responsável pela predicação (que pode vir a ser inferida pelo contexto ou não).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, há diversas construções no português brasileiro que podem ser acionadas pelo usuário da língua com o objetivo de opacificar o responsável pela predicação. Neste artigo, destacamos, com maior ênfase, o comportamento das construções transitivas diretas com pronome -SE que podem ser analisadas a partir

da possibilidade de retirar de cena os participantes envolvidos no ato enunciativo, ou seja, a primeira (articulada ou não com a segunda pessoa e podendo ainda fazer referência a uma voz coletiva) e a terceira (que pode estar representada também por meio de uma instituição, de forma mais generalizante) pessoa discursiva.

Todavia, essas construções podem ser observadas em um *continuum* de impersonalização, no qual notamos que pode haver uma referência que consiste na articulação entre a primeira e a segunda pessoa discursiva ou a percepção de uma voz coletiva (a primeira pessoa do plural), em uma busca pela interação com o leitor e na colocação de predicções que expressam um conhecimento compartilhado por um determinado grupo. Em outros casos, há referência a uma terceira pessoa discursiva e ainda nos deparamos com contextos em que a predicação ocorre sem participante, esvaziamento da referência, ou promove a existencialidade através da construção PredicadorTER + SE.

Defendemos a indeterminação como uma subcategorização do processo de impersonalização e este deve ser abordado em sala de aula a partir da associação com a análise das pessoas discursivas que podem ser recuperadas na análise do participante 1 (o responsável pela predicação) suspenso nas predicções transitivas diretas com pronome -SE e, em outras estratégias, como nos exemplos com SN “a galera”, expresso, mas com referência indeterminada.

Ainda, no contexto de sala de aula, destacamos a urgência em desassociar o estudo da chamada indeterminação da análise da função sintática de sujeito e articular a temática da impessoalidade associada a diversas estratégias que são utilizadas pelos brasileiros nos mais diferentes gêneros textuais. É interessante levar o aluno a analisar contextos reais de usos linguísticos, inferir os possíveis participantes desfocalizados/opacificados e ora suspensos e perceber que, na maioria dos casos, a indeterminação ocorre não por conta de o emissor não saber quem é o responsável pela ação ou processo, mas por conta de assegurar ao autor do texto menor exposição, ou seja, menor comprometimento ao não citar especificamente o causador da ação ou processo.

Por fim, destacamos que é importante possibilitar que o aluno reflita sobre os usos e suas escolhas linguísticas. Dessa forma, acreditamos que seja possível uma percepção coerente do processo de impersonalização e, assim, o discente seja capaz de compreender suas funcionalidades dentro de diferentes textos e também recorra (ou não) a determinadas construções que possam promover a desfocalização do responsável pela predicação quando julgar necessário.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M. *et al.* *Português: contexto, interlocução e sentido*, 3. ed., v. 2, São Paulo: Moderna, 2016a.
- ABAURRE, Maria Luiza M. *et al.* *Português: contexto, interlocução e sentido*, 3. ed., v. 3, São Paulo: Moderna, 2016b.
- BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Padrão, 1988.
- BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BYBEE, Joan. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The oxford handbook of construction grammar*. Oxford, UK: Oxford University Press, 49-69, 2013.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for ‘allostructions’. *Constructions*, Special Volume 1, 1-28, 2006.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, p. 185-203, 2008.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. *Revista Linguística*, v. 3, n. 1, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; LOPES, Célia Regina dos Santos. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais no século XIX. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah. *Para a História do Português Brasileiro*, v. IV, Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2002.
- FILLMORE, Charles J. Frame semantics. *The Linguistic society of Korea* (eds.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago and London: The University Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KOCK, Ingedore G. ViIlça. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Caderno de estudos linguísticos*, v. 41, p. 75-89, Campinas, Jul./Dez. 2001.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: Descriptive applications*. Standford: Standford University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Standford: Standford University Press, 1987.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicação verbal e impessoalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português. *Estudos da linguagem*, v. 18, p. 65-84, 2020.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Sociolinguística variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz (eds.). *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, p. 85-120, 2019.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. *Revista Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, 152-170, jan-jun 2017.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística*, v. ESPECIAL, 2016.

RUMEU, Marcia Cristina de Brito. Estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em jornais portugueses e brasileiros. *Revista Veredas*, janeiro, p. 49-65, 2011.

SARAIVA, Eneile Santos. Ensino de construções passivas analíticas e sintéticas em materiais didáticos e paradidáticos. *Revista Vocábulo*, v. XIV, p. 1-15, 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press. 2013.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital*. Rio de Janeiro, v. 30, p. 81-132, 2018.